

(MICRO/MACRO) PAISAGENS

Pintura de Sérgio Costa

Desde as suas primeiras exposições que Sérgio Costa demonstra um enorme e salutar interesse pelo tema-problema da paisagem, que na sua pesquisa plástica interroga de uma forma profundamente original. Anima-o um propósito de clara reinvenção temática graças a uma processualidade que subtilmente combina o uso do registo fotográfico como fonte ou recurso, ou seja, uma aproximação que derivaria de um princípio «naturalista», e o tratamento textural da superfície, que se torna, por isso mesmo, não ausente mas «falante», o que o associa a uma prática gestual e matérica de referente incidentalmente conceptual, especialmente visível nos mais recentes desenhos.

Esta dualidade de processos materializa-se num jogo de antíteses que define, afinal, toda a poética pictural de Sérgio Costa. Por um lado, a alternância entre grandes e pequenos formatos ou entre uma visão macro da territorialidade imensa dos espaços despovoados e a atenção microscópica ao detalhe e, por outro, o assumido contraste entre o ilusionismo quase «hiper-realista» de certos motivos e a emergência matérica da superfície, lugar de excelência de todas as invenções, de todos os gestos, de todos os fazeres.

A preferência de Sérgio Costa por universos em que a presença humana parece estar definitivamente ausente não nos deve conduzir à conclusão de que se trata de uma pintura que obsessivamente se debruça sobre o espaço do vazio, inabitado e inóspito.

Pelo contrário, o pintor parece fascinado por uma certa imobilidade da natureza que re-escreve no espaço da Pintura numa linguagem ciente da desertificação imagística que resulta do excesso de informação, fruto, precisamente, da inexorável passagem dos homens.

Fernando António Baptista Pereira
Novembro de 1999.